

Futebol feminino: espaço de empoderamento para mulheres das periferias de São Paulo

Mariane da Silva Pisani



Publisher

Núcleo de Antropologia Urbana da
Universidade de São Paulo

Electronic version

URL: <http://pontourbe.revues.org/1621>

DOI: 10.4000/pontourbe.1621

ISSN: 1981-3341

Printed version

ISBN: 1981-3341

Electronic reference

Mariane da Silva Pisani, « Futebol feminino: espaço de empoderamento para mulheres das periferias de São Paulo », *Ponto Urbe* [Online], 14 | 2014, posto online no dia 30 Julho 2014, consultado o 30 Setembro 2016. URL : <http://pontourbe.revues.org/1621> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1621

This text was automatically generated on 30 septembre 2016.

Futebol feminino: espaço de empoderamento para mulheres das periferias de São Paulo

Mariane da Silva Pisani

Introdução

- 1 Existem muitas produções bibliográficas e audiovisuais que mostram a inserção e a consolidação do futebol – como esporte de preferência nacional – no Brasil. A grande maioria delas reconstitui a história social desse esporte sob a perspectiva dos homens, seja na qualidade de jogadores, de torcedores e/ou daqueles que escreveram e produziram a memória da modalidade. Em breve levantamento sobre essas produções veremos que descrevem como o aparecimento do futebol no Brasil – no ano de 1884 – foi associado a uma prática de lazer essencialmente destinada aos homens brancos da elite do país. Posteriormente, algumas produções mostram que o futebol passou por uma popularização a partir do ano de 1930, profissionalizando-se e permitindo assim que outros homens, negros e pobres, pudessem adentrar aos campos e aos estádios como jogadores (agora remunerados) e como torcedores. Notamos também que houve uma grande discussão e problematização sobre o lugar que o futebol ocupou no imaginário social durante o período militar. Por fim, ficou evidente que a virilidade, a competitividade e as características agonísticas dessa modalidade, ainda hoje, associam-se intimamente a um ideal de identidade masculina brasileira.
- 2 As mulheres sempre foram colocadas à margem nessa produção histórica do futebol brasileiro. Até o ano de 1920, quando apareciam nas crônicas esportivas e colunas sociais eram retratadas como meras espectadoras que traziam beleza e charme para as arquibancadas. No ano de 1921, os jornais do país noticiaram – não sem algum assombro – a primeira partida de futebol disputada por mulheres. À época elas foram chamadas de audaciosas e intrépidas, e a partida, por sua vez, foi motivo de chacota e desconfiança do

grande público brasileiro. No ano de 1941, sob o pretexto de preservar a saúde reprodutiva dessas mulheres, o Conselho Nacional de Desportos decreta que alguns esportes não seriam compatíveis com a natureza feminina. Acreditava-se que a prática do futebol colocaria em risco a integridade física das mulheres brasileiras: uma forte pancada no baixo ventre poderia torná-las inférteis, comprometendo a maternidade. Dessa forma, até 1979, as mulheres foram proibidas por lei de jogar bola. No ano de 2001, a Federação Paulista de Futebol (FPF) estabeleceu que para uma atleta participar de campeonatos precisaria apresentar signos de feminilidade: cabelos compridos, corpo mais delicado e com curvas, uniformes mais curtos e justos. Em entrevista de jornal, concedida na época, a jogadora Cristiane Silva, medalhista de prata na Olimpíada de Atenas, afirma ser favorável a um modelo de uniforme intermediário, ou seja: nem tão grande, mas também não tão justo. Contudo, segundo ela, usaria um modelo mais cavado se o clube ou patrocinador mandasse, pois “é melhor jogar assim do que não jogar”.

- 3 Já no ano de 2004, depois que a Seleção Brasileira de Futebol Feminino conquistou a medalha de prata na Olimpíada de Atenas, algumas reportagens jornalísticas foram feitas e questionaram o preconceito que ronda a modalidade. Esse relacionava-se, sobretudo, ao desinteresse popular por conta da suposta homossexualidade das atletas. Da mesma forma, como no começo do século XX, as poucas reportagens e entrevistas realizadas nos últimos dez anos continuam evidenciando o charme e a beleza da jogadora brasileira em detrimento de sua competência profissional e qualidade técnica.
- 4 Sendo o futebol uma modalidade direcionada e compreendida a partir da perspectiva dos homens, os discursos sobre a presença das mulheres avançam, quase sempre, em três direções: a) descrevem-nas como seres naturalmente dóceis e frágeis, voltados para a maternidade e possuidores de aspectos essencialmente femininos; b) colocam em dúvida a sexualidade da mulher atleta sob argumentos homofóbicos; c) instauram medidas arbitrárias que condicionam e restringem a presença delas no âmbito esportivo. Apesar das tentativas de exclusão, das restrições e dos obstáculos enfrentados por elas ao longo dos últimos anos, o futebol feminino pode mostrar-se como um espaço de autonomia e liberdade, propiciando o empoderamento das mulheres.
- 5 A partir dessa contextualização, com base nas observações etnográficas e na convivência diária que estabeleço com mulheres jogadoras de futebol, retomo alguns relatos pessoais que evidenciam como elas enfrentam, superam e se empoderam através das suas práticas cotidianas nesse esporte. Assim, o futebol feminino é compreendido e ressignificado em dois casos distintos: o primeiro, com uma equipe amadora e o segundo, um projeto social, ambos localizados nas periferias da cidade de São Paulo.
- 6 Vale ressaltar, como apresentado no paper - *Futebol Feminino: sobre a formação de jogadoras na periferia da cidade de São Paulo* - no II Simpósio Internacional de Estudos sobre Futebol (LUDENS/USP, 2014), que as categorias *profissional* e *amador* possuem uma elasticidade muito peculiar em seus usos e aplicações nesse campo de pesquisa. De acordo com quem fala, para quem fala e de onde fala, os seus significados se alteram. Além disso, segundo a antropóloga Jean Williams, existem três tipos de profissionalismo que coexistem quando se trata de futebol feminino: o micro profissionalismo no qual os indivíduos importantes podem ser identificados – por exemplo, quando reconhecemos por nome determinadas profissionais como Cristiane ou Marta –; o meso profissionalismo, que pode ser compreendido como momento em que as equipes de futebol feminino participam de competições nacionais; e o macro profissionalismo com uma multiplicidade de competições e torneios internacionais, onde as mulheres possam mostrar seu talento no

futebol (2011). Ainda nesse sentido, a autora nos diz que de acordo com as regras da FIFA as mulheres jogadoras podem ser consideradas profissionais a partir do momento em que elas começam a receber dinheiro para jogar, contudo essa remuneração nem sempre chega ao mínimo necessário para cobrir as despesas básicas de subsistência. Dessa forma muitas jogadoras precisam trabalhar e estudar paralelamente aos treinos e isso as torna, na prática, em atletas semiprofissionais (Williams 2011). A discussão não se esgota aqui, uma análise mais acurada de usos dessas categorias será desenvolvida na tese de doutorado a que essa pesquisa etnográfica se destina.

- 7 Por fim, esse artigo aponta para algumas reflexões a serem aprofundadas na pesquisa de doutorado em Antropologia Social que se encontra em andamento. Tendo isso em vista, os nomes das atletas, das equipes e dos lugares serão preservados sob pseudônimos. Além disso, os questionamentos levantados nesse artigo fazem parte da primeira organização dos dados etnográficos e serão, no futuro, submetidos a novas análises e problematizações.

Futebol como espaço de empoderamento das mulheres

- 8 Boa parte das análises feitas sobre a prática do futebol descreve a modalidade esportiva como espaço de não inclusão das mulheres e de perpetuação de preconceitos sexistas. Até hoje mulheres e futebol foram compreendidos como dicotomias, colocados em lados opostos e não complementares. Contudo uma transformação, mesmo que ainda lenta, se anuncia. A antropóloga Carmen Rial, ao escrever sobre a presença das mulheres na mídia esportiva durante a Copa do Mundo, mostra que se inicialmente elas ocuparam um espaço secundário – na qualidade de torcedoras, jogadoras e mesmo como jornalistas – hoje começam a ter voz no mundo futebolístico (2014).
- 9 Essa transformação que se anuncia vai ao encontro do questionamento levantado pela antropóloga Andrea Cornwall. Segundo a autora, uma resposta possível para as desvantagens persistentes em relação às mulheres – em todas as esferas da vida social – é capacitá-las para exercer *agency* (ou agenciamento) e “fazer escolhas” (2013). Nesse sentido, “agenciamento pode ser compreendido como ter o controle sobre a sua própria vida e (...) fazer escolhas fala menos da capacidade de determinar os parâmetros do possível do que da possibilidade de selecionar opções que as intervenções para o desenvolvimento tornam possíveis” (Cornwall 2013).
- 10 Assim, é possível pensar a prática do futebol feminino como um espaço legítimo para o exercício do agenciamento e do empoderamento das mulheres já que o esporte, além de ser um terreno promissor para “testar hipóteses sobre as mudanças nas relações e representações de gênero na sociedade contemporânea é um lugar particularmente sensível para indagar os rumos de uma cultura em transição – transição para padrões mais igualitários, mais ‘andróginos’, ou talvez avançando, embora lentamente, no sentido de uma certa ‘despadronização’” (Adelman 2006: 11).
- 11 Analisar como jogadoras de futebol das periferias de São Paulo vivenciam e ressignificam a prática do futebol em suas vidas, a partir de uma perspectiva feminista de empoderamento, é um exercício que permite “uma abordagem voltada para a experiência vivida ao invés de para estereótipos, uma abordagem que pode tolerar contradições e celebrar visões plurais assim como versões de empoderamento que se enquadram nos

contextos em que são expressadas" (Cornwall 2013). Além disso, esse tipo de análise oferece novas visões sobre as mudanças que contribuem para o avanço da justiça social e de gênero.

Mulheres da periferia de São Paulo e o futebol

- 12 A periferia paulistana, onde estão localizadas as duas equipes de futebol feminino com que trabalho atualmente, é uma região considerada – segundo as pesquisas publicadas em 2004 pelo Centro de Estudos da Metrópole (CEM) da Universidade de São Paulo (USP) – de extrema vulnerabilidade. Segundo as publicações do CEM, a vulnerabilidade social pode ser compreendida como uma combinação entre elementos de privação socioeconômica – como baixos níveis de renda e escolaridade – e características demográficas das famílias – como a presença de muitas crianças e idosos e, também, muitas mulheres chefes de família.
- 13 A antropóloga Regina Facchini, ao escrever sobre a sexualidade das mulheres das periferias na cidade de São Paulo, mostra que falar sobre agenciamento em um cenário marcado por pobreza, desemprego e violência é algo bastante complexo (2008). Segundo a autora, quando nos propomos estudar as mulheres “mais escuras” e “mais pobres”, como é o caso das jogadoras de futebol com quem convivo, a situação torna-se mais delicada ainda (Facchini, 2008), pois é preciso ter consciência de que, dentro de um campo de possibilidades que se apresentam a elas, os marcadores de gênero, sexualidade, raça e classe mostram-se determinantes e orientadores das experiências pessoais (Stolcke 1991; Brah 2006).
- 14 Nesse sentido, os marcadores sociais da diferença são constituídos e representados de maneiras diferentes segundo nossa localização dentro de relações globais de poder e a nossa inserção nessas relações globais de poder se realiza através de uma miríade de processos econômicos, políticos e ideológicos distintos (Brah 2006: 341). Portanto, ao ter a possibilidade de fazer a escolha (Cornwall, 2013) de ser jogadora de futebol, essas mulheres negras das periferias paulistanas estão inseridas em amplas relações de poder. A escolha do futebol como caminho possível para transformação social não é ingênua ou desprovida de intencionalidade, como veremos.

Guerreiras Futebol Clube¹

- 15 A equipe Guerreiras Futebol Clube (GFC) existe desde o ano de 2005 e está localizada próxima a uma estação de trem da periferia paulistana. Partindo do centro da cidade – estação da Luz – até o local leva-se, aproximadamente, uma hora de viagem. Ana² é a principal personagem desse cenário. Ela, fundadora e jogadora da equipe, é uma mulher negra de 45 anos proveniente do sertão do Estado da Bahia. Foi somente por causa do futebol que conseguiu sair do seu estado de origem, um espaço de pobreza e sem oportunidades segundo ela, e mudar-se para São Paulo aos vinte anos de idade. Para Ana, viver em São Paulo era a possibilidade de concretizar seu sonho de ser jogadora de futebol. E assim foi. Ana jogou bola por aproximadamente 10 anos em equipes de futebol feminino da periferia paulistana. Por sua atuação foi eleita e condecorada, no ano de 1999, como personalidade do bairro onde mora, algo que não teria acontecido se ela tivesse permanecido na Bahia, disse-me um dia.

- 16 No ano de 2005, Ana, com 36 anos, já estava afastada dos campos como jogadora, mas permanecia atuando na qualidade de assistente junto a alguns técnicos e treinadores. Segundo ela, alguns fatores foram essenciais para a formação da equipe Guerreiras F.C.: a) a interdição etária que a afastava dos campos de futebol era fonte de tristezas e inquietações, afinal jogar bola, para ela, sempre foi uma paixão a ser perseguida a todo custo; b) trabalhar na condição de assistente, seguindo ordem de homens, não era algo que a agradava e ela relata que essa foi uma época de muitos conflitos e desavenças pessoais; c) além disso, Ana percebia que muitas das jovens mulheres do bairro estavam envolvendo-se com drogas e tornando-se mães cada vez mais cedo.
- 17 A partir dessas observações e constatações Ana funda a própria equipe. Dessa forma, o Guerreiras F.C. é o lugar onde ela vai seguir jogando até o momento em que decidir, por conta própria, parar; é também um espaço onde ela atua como treinadora e coordenadora, detendo o comando e exercendo a centralidade na vida de outras pessoas, no caso, as atletas sob sua responsabilidade; além disso, o Guerreiras F.C. configura-se um novo espaço de sociabilidade e lazer para as jovens mulheres da periferia. Ana considera sua atuação na equipe GFC como um trabalho social sem fins lucrativos, que resgata mulheres negras e pobres do bairro onde mora de situações de risco e vulnerabilidade.



IMAGEM 1: GUERREIRAS JOGANDO AMISTOSO COM OS MENINOS DO BAIRRO. AO FUNDO LOCALIDADE ONDE ALGUMAS ATLETAS DO TIME MORAM.

- 18 Assim, vinte e quatro atletas estão sob o seu comando. Treinam diariamente às terças-feiras, quintas-feiras, sábados e disputam, ao longo do ano, alguns campeonatos pela cidade de São Paulo. As jovens possuem entre 14 e 25 anos, são em sua maioria negras, provenientes das camadas populares, filhas de imigrantes do norte e nordeste do Brasil. Algumas abandonaram a escola sem completar o ensino médio, nenhuma cursa o ensino superior. As que já estão fora do período escolar trabalham para complementar a renda familiar e a profissão predominante entre elas é de atendente de telemarketing. Um fato que impressiona, negativamente, é que a maior parte delas possui histórico de violência doméstica/familiar e o futebol aparece nos discursos dessas jovens mulheres como uma oportunidade de subverter esse tipo de situação uma vez que esse é um esporte que pode

promover uma ascensão social, sobretudo se elas forem chamadas para jogar em times de futebol feminino de projeção nacional.

- 19 Algumas dificuldades são enfrentadas diariamente para que Ana e suas atletas consigam dar continuidade aos seus trabalhos, como por exemplo: a falta de patrocínio, a ausência de material esportivo adequado para treinos e competições, a inexistência de divisão específica de treinos e jogos de acordo com as idades das atletas: adolescentes de 15 anos treinam e jogam ao lado de mulheres adultas. Além disso, existe um problema ainda maior nos dias de jogos no que diz respeito ao meio de transporte. Um dos vereadores do bairro apoia o trabalho de Ana e oferece uma van escolar para que elas possam ir até os locais de jogo. Por questão de segurança, apenas 19 pessoas poderiam viajar, contudo, 25 jogadoras, algumas torcedoras, o massagista – amigo pessoal da Ana e de outras atletas –, o material esportivo e, recentemente, eu, viajamos até os locais de competição.
- 20 Apesar das dificuldades enfrentadas, as jovens não esmorecem. Consideram-se uma família e buscam umas nas outras o suporte necessário para superar os problemas dentro e fora de quadra. Mesmo quando não estão em campo treinando ou disputando jogos, fazem questão de se encontrar pessoalmente todos os dias. Além da proximidade física, mantêm-se conectadas diariamente – quase que 24h – por redes sociais de mensagens instantâneas como o *Whatsapp* e o *Facebook*. Fica claro, portanto, que para além das relações esportivas e de compromisso com o time, existe uma rede de proteção e ajuda mútua entre elas, além do forte laço afetivo que elas estabelecem cotidianamente.
- 21 Para Ana, a intenção não é a de profissionalizar essas mulheres na prática do futebol feminino; contudo, até junho de 2014, três jogadoras (15, 18 e 19 anos) foram chamadas para atuar em outras equipes de maior expressividade no cenário esportivo. Segundo as atletas que saíram do Guerreiras F.C., essas outras equipes possuem maior expressividade, pois servem de “vitrines” para a convocação de jogadoras para a Seleção Brasileira de Futebol Feminino. Para as três jogadoras, essa mudança foi uma conquista relevante e um passo importante na possibilidade de se tornarem jogadoras de futebol reconhecidas no país, e quem sabe, um dia, no mundo.

Boleiras Futebol Clube

- 22 O Boleiras Futebol Clube é um projeto social que parte da iniciativa privada. Meninas, entre 13 e 15 anos, são selecionadas pelo período de um ano para integrar o time. Além disso, há outros pré-requisitos de admissão: elas precisam ser residentes da grande São Paulo; precisam estar matriculadas em escola da rede pública ou serem bolsistas de escola particular; por fim, precisam ter noção básica de inglês. Situado na periferia de São Paulo, no bairro vizinho ao da equipe Guerreiras Futebol Clube, o projeto tem por intuito formar, desenvolver e transformar as meninas em jovens lideranças, capazes de atuar positivamente em suas comunidades. Em julho de 2014 a primeira turma se formará e um novo processo já está sendo realizado para a configuração de outra turma³.
- 23 Em conversa com as jogadoras da equipe, pude conferir que elas treinam três vezes por semana, recebem uma alimentação supervisionada, bem como auxílio-transporte e o equipamento necessário para a prática esportiva. A técnica e treinadora delas é ex-jogadora de futebol. Durante o período em que permanecem no projeto, as jovens treinam, cursam as aulas de inglês, participam de palestras, fazem viagens e jogam em campeonatos. Recentemente, duas jogadoras norte-americanas, Brandi Chastain e Julie

Foudy, ministraram uma palestra motivacional, recebida com muito entusiasmo pelas jovens. Posteriormente, custeadas pelos financiadores do projeto, as adolescentes foram convidadas a fazer uma viagem de uma semana pelos Estados Unidos da América. O intuito era realizar um intercâmbio cultural aproximando-as da realidade esportiva vivida no país.



Figura 2: Mulheres de chuteiras

- 24 Nesse sentido, os Estados Unidos da América podem ser considerados como o melhor país para a prática do futebol feminino. Segundo atletas que já atuaram nos EUA, lá o futebol para mulheres é supervalorizado (Pisani 2012). Meninas a partir dos cinco já participam de treinamentos em escolinhas. Escolas e universidades promovem campeonatos de futebol feminino que duram todo o período letivo. Além disso, até o ano de 2012, os EUA possuíam o maior campeonato de futebol feminino do mundo: o Women's Professional Soccer. Nesse campeonato, algumas das melhores jogadoras brasileiras atuaram: Formiga, Marta, Daniela, Cristiane, Fabiana, Renata Costa, Rosana, Ester, Maycon, Erika.
- 25 Todas as jogadoras do Boleiras F.C. foram unânimes em dizer que o projeto e a prática do futebol transformou as suas vidas positivamente. Uma delas falou-me que sua autoestima melhorou e que agora ela via uma possibilidade de viver do futebol como jogadora. Apenas uma incerteza geral se abatia sobre elas: como o projeto possui apenas um ano de duração logo elas estariam “por conta própria”, sem a disponibilidade de um espaço bem estruturado para treinar e jogar, sem a orientação de uma equipe técnica competente e responsável. Muitas meninas cogitavam a possibilidade de participar de algumas peneiras⁴ nos grandes clubes da cidade de São Paulo e assim dar prosseguimento à carreira de jogadora de futebol.

Algumas considerações

- 26 Na primeira semana de junho, as jogadoras sub17 do Guerreiras Futebol Clube participaram de uma competição. A partida final foi disputada entre elas e as atletas do Boleiras Futebol Clube. Por um placar de 2 a 1, as Boleiras levaram o primeiro lugar e as Guerreiras, conseqüentemente, ficaram com o segundo. Antes que elas pudessem voltar para casa, Ana disse que, apesar da derrota em campo, todas elas eram verdadeiras

vencedoras, pois além do esforço e da luta para superar as adversidades, elas estavam naquele momento mostrando ao mundo que mulher pode jogar bola com muita competência.

- 27 Historicamente, em nosso país, o futebol foi concebido como um espaço de homens. Foram eles que escreveram a história social da modalidade e é para eles que se destinam as propagandas, as reportagens e outras produções sobre esse esporte. Por quase cem anos as mulheres foram postas às margens e foi somente a partir de 1979 que elas começaram, mesmo que timidamente, a ocupar esse espaço esportivo de lazer e sociabilidades. Elas subverteram as proibições, as restrições e hoje, assim como eles, também jogam bola. Algumas, inclusive, fazem do futebol o seu meio de vida.
- 28 Contudo, é preciso lembrar que apesar da crescente apropriação delas, os significados atribuídos à modalidade são diferentes daqueles atribuídos pelos homens. No ano de 2012, uma jogadora da Seleção Brasileira de Futebol Feminino disse-me que atualmente um pai prefere que seu filho jogue bola ao invés de fazer faculdade, afinal se o menino estudar e se formar, ele não será nada além de um funcionário comum, será como tantos outros que fizeram a mesma faculdade. Contudo, caso se destaque no futebol, vai ser milionário, famoso e reconhecido. Dessa forma, futebol para eles é uma aposta familiar, é uma possibilidade de prestígio e enriquecimento rápido. Já para elas, mesmo entre as que vivem do esporte, o futebol não é percebido dessa forma.
- 29 Sabendo que a maioria das jogadoras hoje é negra, pode-se indagar sobre os espaços ocupados por elas na sociedade brasileira e em um exercício rápido teremos uma constatação preocupante: ligue a televisão e conte quantas são as mulheres negras apresentadoras; conte também quantas são as mulheres negras protagonistas de novela; agora conte novamente quantas são as mulheres negras que aparecem como empregadas domésticas nessas mesmas novelas; podemos ainda ficar atentos às chamadas da Copa do Mundo e constatar a hipersexualização feita sobre o corpo da mulher negra brasileira. Nos dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) veremos que 60% das mulheres assassinadas entre os anos de 2011 e 2012 eram negras e que são as mulheres jovens, negras e pobres as que mais sofrem com a violência doméstica e familiar. Segundo Mônica Gomes, representante da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, “as mulheres negras permanecem na ‘base da pirâmide’, mesmo possuindo mais anos de estudo e maior qualificação (...) a discriminação por gênero se soma ao racismo numa conjunção ‘perversa’, especialmente diante da ideia geral de que a educação é o caminho para o crescimento e a emancipação das pessoas” (Brandão, Coelho 2013).
- 30 Um dia, Ana me fez a seguinte pergunta: “mesmo com todas as dificuldades que a gente passa no futebol – muitas vezes não temos dinheiro suficiente nem para comprar uma bola – porque será que essas meninas ainda escolhem isso como profissão?”. Posso deduzir que o futebol permite que essas jovens saiam de situações de risco e vulnerabilidade como as drogas, a violência doméstica e até mesmo uma gravidez indesejada. É a partir dessa prática esportiva que outras perspectivas se anunciam na vida delas: ganham autonomia; recuperam a autoestima; ampliam as redes de contato, proteção e afetividade. Acredito que, estruturalmente, o futebol feminino ainda tem muito que investir e crescer – novas ligas, mais escolinhas de treinamento, mais campos destinados a elas, salários melhores, assegurar os direitos trabalhistas dessas mulheres –, mas é inegável que o futebol é um espaço de transformação e empoderamento das mulheres negras, pobres e de periferia.

BIBLIOGRAPHY

- ADELMAN, Miriam. 2006. Mulheres no Esporte: Corporalidades e Subjetividades in Movimento, Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 11- 29, janeiro/abril de 2006.
- BRAH, Avtar. 2006. Diferença, diversidade, diferenciação* In Cadernos Pagu (26), janeiro-junho: pp.329-376.
- BRANDÃO, Gorete; COELHO, Marília. 2013. Negras são vítimas de mais de 60% dos assassinatos de mulheres no país. Disponível em: <<http://www12.senado.gov.br/noticias/materias/2013/11/21/negras-sao-as-vitimas-de-mais-de-60-dos-assassinatos-de-mulheres-no-pais>>. Acesso em: 21 nov. 2013.
- CORNWALL, Andrea. 2013. Apresentação: trilhas do empoderamento de mulheres in Revista Feminismos. Vol. 1, N. 2. Bahia.
- FACCHINI, Regina. 2008. Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP.
- PISANI, Mariane da Silva. 2012. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Poderosas do Foz: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social.
- RIAL, Carmen. A participação das mulheres na mídia brasileira na Copa. In: Cuadernos del Mundial. Produzido pelo Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO. Acesso em: <<http://cuadernosdelmundial.clacso.org/opinion6.php>>. 22 de junho de 2014.
- STOLCKE, Verena. 1991. Sexo está para gênero assim como raça para etnicidade? Estudos Afro-Asiáticos, (20): 101-119, junho.
- WILLIAMS, Jean Williams. *Women's Football, Europe and Professionalization 1971-2011: Global Gendered Labour Markets*. 20 de setembro de 2011.

NOTES

1. As jogadoras da equipe se identificam como mulheres guerreiras que não desanimam diante das dificuldades enfrentadas, por isso a escolha do nome fictício para a equipe.
2. Pseudônimo.
3. Minha aproximação com o grupo teve início no mês de junho, quando as atividades com a primeira turma estavam sendo finalizadas. Atualmente tenho acompanhado a formação da nova turma e, por consequência, aprofundando-me na pesquisa sobre formação e profissionalização de mulheres jogadoras de futebol das periferias de São Paulo.
4. As peneiras são momentos em que os clubes abrem espaço para a “descoberta” de novos talentos futebolísticos.

ABSTRACTS

Existem muitas produções bibliográficas e audiovisuais que mostram a inserção e a consolidação do futebol no Brasil. A grande maioria delas reconstitui a história social desse esporte sob a perspectiva dos homens. No Brasil, historicamente, mulheres e futebol foram compreendidos como dicotomias, colocados em lados opostos e não complementares. O presente artigo, contudo, traz outra perspectiva para as produções da área, ele discute como o futebol praticado por mulheres nas periferias de São Paulo pode ser resignificado a partir da chave do empoderamento. Mulheres das periferias paulistanas driblam, portanto, situações de risco e vulnerabilidade – tráfico de drogas, violência familiar, gravidez precoce – através das suas práticas na modalidade.

There are many bibliographic and audiovisual productions that reveals the integration and consolidation of soccer in Brazil. The majority of them reconstructs the social history of the sport from the perspective of men. In Brazil, historically, women and soccer were perceived as dichotomies, placed on opposite and not complementary sides. This article, however, brings another perspective into discussion, enunciating how the soccer played by women in the periphery of Sao Paulo can be understood from the different key of empowerment. Women in São Paulo's peripheries deals with situations of risk and vulnerability – illicit trafficking in drugs, family violence, early pregnancy – through their practices in soccer.

INDEX

Keywords: anthropology of sport, gender studies, women's soccer, empowerment, periphery

Palavras-chave: antropologia do esporte, estudos de gênero, futebol feminino, empoderamento, periferia

AUTHOR

MARIANE DA SILVA PISANI

Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (PPGAS/USP).

marianepisani@gmail.com